

Redes de parentesco e dinâmicas de integração do social entre populações indígenas e tradicionais na confluência Arapiuns, Tapajós e Amazonas

Leandro Mahalem de Lima¹

Resumo: Apresento um debate experimental sobre redes de parentesco e dinâmicas de integração do social na chave renovada da teoria da aliança que Douglas White e Michael Houseman (1996) definiram como o estudo das estruturas reticulares da prática matrimonial. Renovada pois desloca o foco dos modelos terminológicos para as relações interpessoais concretas de filiação e casamento, que constituem tecidos fragmentários implicados na construção de pessoas e coletivos, em diferentes escalas e domínios. Esta renovação é potencializada pela matemática dos grafos e as novas ferramentas computacionais. Noções implícitas nos circuitos – religamentos, componentes e constelações – servem ao exame de regimes de aliança e se estendem a outras lógicas, conceitos e dinâmicas, como: corpo e pessoa; classes e segmentos; herança e transmissão; migração e circulação; etnicidade e identidade; compartilhamento e mutualidade; espacialidade e cosmologia; política e história. O mapeamento de variáveis dinâmicas na armação de parentesco depende de insights críticos sobre problemas relevantes para as pessoas representadas nos grafos, a partir da experiência etnográfica. Este estudo toma por referência e explora um corpus genealógico coletado entre 2008 e 2012 em 15 localidades, cujo nó duro (core) matrimonial - formado por 714 pessoas - conecta os povos Arapium, Jaraqui, Tapajó, Tupaiu e outros segmentos ribeirinhos, distribuídos pela de confluência entre os rios Arapiuns, Tapajós e o Amazonas, em Santarém (Pará).

Palavras-chave: Amazônia, etnografia, parentesco, redes sociais,

Introdução

Entre 2008 e 2012, por pouco mais de um ano, realizei quatro etapas de pesquisas de campo em que circulei por 15 localidades – aldeias, comunidades e vilas – distribuídas pelas beiradas do alto e

¹ Doutor em Antropologia Social (USP). Pesquisador colaborador no Centro de Estudos Ameríndios (CEstA/USP). Contato: lmahaleml@gmail.com



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

baixo rio Arapiuns e a zona de sua confluência com o baixo Tapajós, o médio Amazonas (e o Lago Grande do Curuaí); no município de Santarém, centro-oeste do Pará. Os lugares percorridos interconectam, próximo a próximo, pessoas, casas e famílias que pertencem a quatro diferentes povos ou etnias indígenas – os Arapium, os Jaraqui, os Tapajó e os Tupaiú – além de diversos outros segmentos associados a categorias genéricas como: populações tradicionais, pescadores agroextrativistas ou ribeirinhos.

Por todo o circuito multicomunitário conduzi – em níveis variados de extensão e aprofundamento – um total não contabilizado de entrevistas semiestruturadas orientadas pelo levantamento de redes de parentesco “canônico”, isto é, nexos de filiação e casamento associados a padrões de terminologia e residência. Realizei estes levantamentos tendo por referência clássico método genealógico (Rivers [1910]1999) e atualizações contemporâneas que orientam a tradução destes esquemas de interconexões pessoais em matrizes de dados processáveis por instrumentos computacionais (ie. DalPoz & Silva, 2008; Hamberger & Daillant, 2008). Apesar de parcialmente controlados pelo pesquisador, estes momentos da pesquisa de campo constituíram, em minha experiência etnográfica, ocasiões privilegiadas para que os informantes ou detentores de saberes pudessem ativar memórias e contar histórias abertas aos mais diferentes temas de interesse.

É possível dizer que as relações de filiação e aliança agenciadas e descritas pelas pessoas no campo constituem uma armação simbólica fundamental para se entender como e por onde passam as interrelações entre as pessoas que moram em cada casa ou localidade. Nexos de filiação e casamento que se redobram ao longo das gerações estão na base dos processos de formação, expansão e segmentação de grupos residenciais e comunidades; além de serem operadores fundamentais para navegar ao longo de redes e emaranhados de relações facilmente reconhecíveis por aqueles que pertencem àquele “mundo pequeno” de interrelações pessoais (cf. White e Houseman, 2002 para “navegabilidade em um mundo pequeno”).

É possível argumentar também que as relações genealógico-residenciais atuais e históricas se projetam pelos tempos-espacos intercomunitários. De um ponto de vista diacrônico, o processo de rememoração de lugares e percursos espaciais associados aos diversos parentes próximos ou distantes – “a parentagem toda”, como diriam meus interlocutores em campo – adquire a forma de uma rede arborescente de lugares e percursos residenciais interconectados. Ao se transladarem a

uma perspectiva sincrônica, estas redes de pontos e linhas de trânsito adquirem a forma de uma estrutura radial formada pela composição sociocentrada dos diversos percursos singulares efetuados por cada pessoa. Estas redes histórico-sincrônicas de espaços terrestres habitados – o eixo sociológico e horizontal que se desdobra pelas beiras de rio, centros de mata e lugares mais distantes – se abre a um horizonte cosmográfico que abrange – neste caso etnográfico - ao menos três outros patamares fundamentais que se projetam no eixo vertical: o “fundo” ou o “encante”, que pertence aos “encantados”; o “céu”, associado respectivamente a “deus e aos santos” e o “inferno” associado àqueles que eles preferem chamar de “inimigo” (cf. Mahalem de Lima, 2015).

Argumento que a construção etnográfica de uma abordagem holística – a partir das categorias e modos de entendimento nativos – em muito se enriquece com o delineamento das dinâmicas de integração e distribuição de redes de religamento de alianças matrimoniais que se desdobram pelo eixo sociológico das casas e comunidades. O desdobramento de estruturas reticulares da prática matrimonial é fundamental também porque as relações interpessoais de filiação e aliança se abrem aos seres que pertencem a outros patamares sociocosmológicos. Por questões de método e recorte, este artigo aborda tão somente as relações de filiação e casamento que se desdobram pelo eixo sociológico das casas e comunidades.

Experiência de campo e levantamento genealógico

Por mais extensivo que seja um levantamento genealógico-matrimonial, as redes de filiação, casamento e residência necessariamente integram tecidos socioespaciais mais extensos. De modo que fazer escolhas e seguir tal ou qual caminho durante as pesquisas de campo é necessariamente produzir um determinado viés. Mas reconhecer vieses, lacunas e limites é também conhecer as qualidades básicas e os potenciais analítico-descritivos de um corpus genealógico, para então construir partições e modelos que façam sentido etnográfico.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



1 Lugares pesquisados no rio Arapiúns e confluência com Tapajós e o Amazonas

Este levantamento genealógico toma por referência seis localidades – quatro aldeias, uma comunidade e uma vila – situadas na zona de sobreposição entre Terra Indígena Cobra Grande e o Projeto Agroextrativista Lago Grande. São elas -de leste a oeste – a partir do curso do baixo Arapiúns: (1) a aldeia dos Arapium do Caruci às margens do lago Caruci; (2) a aldeia dos Jaraqui de Lago da Praia e a (3) comunidade de Santa Luzia ambas às margens do Lago da Praia. (4) A aldeia/comunidade de Arimum às margens do lago de Arimum, onde uma parte dos segmentos residenciais se reconhece Arapium, enquanto os demais tendem a se identificar como Branco. (5) a aldeia Garimpo dos Tapajó e (6) a vila de Ajamuri, às margens do lago homônimo que desemboca no Lago Grande/Amazonas, onde apenas um segmento residencial assume a identidade indígena. Foi nestas localidades que, entre 2008 e 2012, antes e durante meu doutorado (2015), fiz um levantamento genealógico residencial extensivo do qual ampliei a coleta rumo a lugares habitados por parentes próximos e distantes das famílias numérica e politicamente dominantes.

Em grande medida, a principal direção de abertura da rede se explica pela influência e interesse pela pesquisa demonstrada pela família do septuagenário (recém falecido) primeiro cacique dos Arapium do Caruci e primeiro presidente Conselho Indígena da Terra Cobra Grande; um homem com longa experiência de trabalho na estruturação de comunidades de base e delegacias sindicais no rio Arapiúns nos anos 1970 e 1980. Ele nasceu na comunidade de Anã – na margem

oposta do Arapiuns, à beira do lago homônimo, no interior da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns – onde a maioria de seus cognatos próximos não se reconhecem como indígenas. Sua esposa é filha do Lago da Praia, mas tem muitos parentes em Aningalzinho e Aminã, no alto Arapiuns (Resex). Aliás, o nome de seu avô patrilinial – José Tupaiú – foi uma referência patronímica central no processo de escolha deste nome como “nome de etnia” por parte de seus parentes naquelas localidades. Como procurei descrever em minha pesquisa de doutorado, percursos e histórias emaranhadas de mesmo tipo poderiam ser iniciadas e desdobradas a partir de todo e qualquer ponto vista específico (De Lima, 2015). A construção de redes de parentesco que fornecem uma perspectiva sociocentrada destas intrincadas relações intercomunitárias entre consanguíneos e afins é um procedimento fundamental para se dimensionar os diversos caminhos que interconectam as pessoas que passamos a conhecer ao longo da pesquisa de campo.

Mas além de ter o caminho facilitado pelos familiares “não indígenas” do cacique dos Arapium, estender o levantamento rumo a Anã foi uma escolha etnográfica estratégica por que esta é uma comunidade onde as famílias – entre as quais os parentes próximos dos Arapium do Caruci – teriam uma maior preferência pelos “casamentos com parentes” dentro da própria comunidade. Em 2011, fiz levantamentos em Anã ao acompanhar um dos filhos do falecido cacique em empreitadas de trabalho junto a seus parentes ali residentes. Dali, seguindo o curso das interconexões casa a casa, a cheguei até Vila Franca, antiga missão fundada no século XVIII situada na confluência com o Tapajós, onde fiz um levantamento parcial com foco sobre um dos principais segmentos residenciais pertencente do povo Arapium naquela vila. No mesmo ano, fiz uma incursão exploratória ao alto Arapiuns, guiado e orientado pelo filho do primeiro cacique dos Arapium do Caruci. Parte deste levantamento parcial e orientado abrangeu algumas casas de referência dos Tupaiú de Aningalzinho e Aminã, às margens do lago Aminã. Dali passamos à vila de São Pedro e à vizinha comunidade Nova Vista. Em São Pedro estendi o levantamento junto à família extensa ao então cacique dos Arapium, que é sobrinho do primeiro cacique Arapium do Caruci. Em Nova Vista, o levantamento também partiu do cacique Arapium, parente próximo tanto do cacique dos Jaraqui de Lago da Praia, quanto do presidente da comunidade de Santa Luzia, que se identifica como Branco.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em um horizonte aberto de trocas matrimoniais como a região de confluência entre os rios Arapiuns, Tapajós e Amazonas, os estudos de redes sociais e as ferramentas computacionais associadas podem fornecer uma chave privilegiada para mapeamento da distribuição empírica das alianças que conectam e reconectam famílias e grupos residenciais. Afinal, como há muito salientou Lévi-Strauss (1965), a distribuição dos aglomerados complexos de relações entre os grupos locais é capaz de mostrar regularidades e prover pistas significativas nem sempre encontradas no plano das terminologias de parentesco e das categorias de pertencimento a coletivos (como as comunidades ou as etnias). Neste sentido, realizar esta tarefa é um modo de criar condições para superar e não recair nas clássicas limitações dos modelos de parentesco e integração social há tempos diagnosticada e denunciada por Schneider (1965 *et. al.*). Afinal, mapear interconexões de filiação e casamento e sua interconexão com os processos de construção de casas é construir modelos que tem por referência a prática e a história das trocas matrimoniais. O fundamento e sua condição de possibilidade desta tarefa não é a biologia, mas a lógica relacional (ie. Hamberger, Houseman, White, 2011).

Conforme evidenciado pelas pesquisas de F. Héritier (1981) e M. Segalen (1984, 1992) e colaboradores no campo computação (ie. Richard, 1994), as redes matrimoniais são integradas por religamentos ou repetições matrimoniais de duas ordens elementares: (1) os religamentos consanguíneos (ou as variantes do casamento entre primos) e (2) os redobramentos afinais (ou as variantes da troca entre pares irmãos). Diagnosticar estas dinâmicas de troca é o que possibilita o mapeamento de nexos empíricos de aliança. Os emaranhados de religamentos delineiam o que Douglas White chamou de um “horizonte de endogamia estrutural, que contém um máximo de famílias para as quais cada par está conectado através de dois ou mais elos completamente distintos de afinidade, de modo que as fronteiras entre os nexos endógamos emergem dos padrões de relacionamentos inscritos na rede” (1997). Os padrões emergentes de interconexões diferem de simples estatísticas descritivas uma vez que fornecem acesso às propriedades estruturais dos circuitos de trocas. Nesta chave, um “grupo emergente” é o que o autor chama de um “componente matrimonial coesivo com contornos e feições claras”. Estes grupamentos emergentes no horizonte do circuito máximo diferem das categorias linguísticas utilizadas pelas próprias pessoas e famílias representadas nos grafos para denotar as relações interpessoais de parentesco, e coletividades às quais pertencem. Dito de outra maneira, os padrões emergentes nas redes sociais são éticos,

afirmados pelo pesquisador, na forma de padrões descritivos ou hipóteses e suas armações permitem passar a outras lógicas, conceitos e dinâmicas, como corpo e pessoa; classes e segmentos; herança e transmissão; migração e circulação; etnicidade e identidade; compartilhamento e mutualidade; espacialidade e cosmologia; política e história. O mapeamento das variáveis e dinâmicas emergentes depende de insights críticos categorias, temas e problemas relevantes para as pessoas representadas nos grafos.

Da rede de parentesco inventariada ao núcleo da rede matrimonial

A rede de parentesco total inventariada ao longo do rio Arapiuns entre 2008 e 2012 – que Silva e Dal Poz (2008) chamam de “rede de parentesco bruta” – abrange 2206 pessoas e 586 uniões. Mas para um estudo focado nas dinâmicas de integração de alianças este construto é apenas o ponto de partida de um longo processo de depuração metodológico, conceitual e computacional, cujo objetivo é delinear o circuito total formado por pessoas e casais implicados em religamentos matrimoniais diversos, a partir dos quais emergem padrões de agregação que delineiam nexos endógamos empíricos.

Atualmente, ferramentas computacionais como o Puck (*Program for the Use and Computation of Kinship data*) permitem fazer a depuração da rede de parentesco com relativa facilidade. Conforme detalhado na Tabela abaixo, a rede total (2206) é integrada por quinze componentes matrimoniais, sendo o componente máximo formado pela maioria das pessoas (2159) inventariadas. Observemos que, ao subtrair todas as pessoas e casais não implicados em circuitos matrimoniais – crianças e solteiros (970) e outros segmentos acíclicos (214) – a “rede matrimonial líquida” é reduzida a 1022 pessoas (46%) distribuídas em dois componentes matrimoniais, sendo o maior formado por 1012 pessoas. Este grande componente se confunde com o horizonte de endogamia estrutural ou o circuito total dos religamentos matrimoniais. Ao integrar todo o universo de circuitos em um único componente seu resultado forma a máxima rede de parentesco, que é de interesse sociológico fundamental. O “máximo bicomponente matrimonial” é um extrato de rede em que cada dois vértices fazem parte do circuito matrimonial. O chamado núcleo (*core*) da rede matrimonial delinea um recorte ainda mais estrito pois que resulta da união de todos os circuitos



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

matrimoniais possíveis, no seio do qual o bicomponente mais extenso constitui o *kernel* da rede parentesco (cf. Hamberger, Houseman, White, 2011:540). A operação algoritmo-computacional de extração do máximo-bicomponente reduz a rede matrimonial a 847 pessoas em 343 alianças, enquanto o núcleo reduz a 714 pessoas e 346 alianças.

	Profund.	♂	♀	Total	Unões	Com filhos	Média		N. de Comp.	Comp. Max
							Filhos	Fratia		
Corpus invent.	8	1140	1065	2206	586	415	2,8	3,9	15	2159
Rede líquida	6	487	535	1022	417	260	2	2,6	2	1012
Max-bicomp.	5	403	444	847	343	201	2,3	2,8	1	847
Núcleo	5	345	369	714	346	193	1,8	2,3	1	714
Kernel	5	342	366	708	343	192	1,8	2,3	1	708

Feitas as reduções, é possível notar que no núcleo da rede matrimonial os grupos de germanos são formados por uma média global duas de pessoas e que cada casal de afins tem uma média de dois filhos. Observe que, na rede de parentesco total, os casais têm uma média aritmética de quatro filhos, ao passo em recortes mais extensivos e demograficamente completos como as aldeias da Cobra Grande (descritas em De Lima, 2015) a média sobe para seis pessoas. Depreende-se dos valores médios que pelo menos dois filhos se reintegram ao circuito matrimonial total. Não integrar religamentos matrimoniais se explica, em parte, pelos limites levantamento, mas certamente aponta para o fato de que parte das alianças se abrem ao campo das estruturas complexas, ou para as relações de troca que estão para além do horizonte de endogamia estrutural detectado.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

	Profund.		♂	♀	Total	% da rede		N. de comp.	Comp. max
	invent.	detect.				liquida (1022)	núcleo (714)		
Redobramentos consanguíneos (x 0)	2 0	3	50	47	97	9	14	10	16
	3 0	5	122	123	245	24	34	10	65
	5 0	5	140	149	289	28	40	9	151
Religamentos afinais (0 y)	0 1	3	82	82	164	16	23	16	40
	0 2	5	249	263	512	50	72	7	440
	0 3	5	298	320	618	60	87	3	587
Religamentos maritais (x y)	5 3	5	298	321	619	61	87	3	588
Segmentos acíclicos		2	110	104	214	21	30	190	7

Antes de observar as variações dos padrões de integração entre religamentos matrimoniais, a partir de sua distribuição sociocentrada global no núcleo da rede, faço uma interpretação preliminar sobre as especificidades dos “anéis matrimoniais” ou os “circuitos não redutíveis que compõem cada religamento” (White *et. al.*, 2011) mais salientes em termos quantitativos no conjunto da rede.

Observe na Tabela 3 que o número de pessoas implicadas em religamentos consanguíneos aumenta quando aumentamos a profundidade geracional da varredura (de duas a cinco gerações) ao passo em que o número de componentes se mantém estável. Já no caso dos redobramentos de aliança, o número de pessoas biconectadas aumenta exponencialmente – de 164 a 618 (87% do núcleo), enquanto o número de componentes diminui – de 16, passa a sete e então a três, sendo um deles um grande bicomponente 587 pessoas. É possível aqui levantar a hipótese de que os religamentos consanguíneos que envolvem três ou mais gerações tendem a operar o reforço e ampliação da coesão interna de nexos em ciclos de relações já estabelecidas em duas gerações. Também que os redobramentos de aliança que cumprem a tarefa de agrupar e embaralhar estes componentes formados por religamentos consanguíneos.

Observe que o número de religamentos matrimoniais em uma varredura que busca, simultaneamente, cinco gerações de religamentos consanguíneos e três gerações de redobramentos afinais corresponde ao mesmo número de pessoas implicadas em uma varredura que considera



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

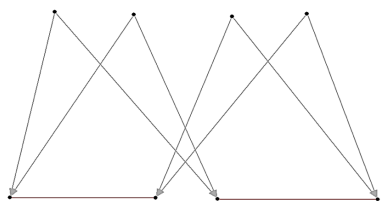
apenas três gerações de redobramentos afinais. É possível depreender disso que, de um ponto de vistas global, os religamentos consanguíneos – os casamentos entre primos – são englobados pela dinâmica e a lógica dos redobramentos afinais. E, inversamente, que os religamentos consanguíneos ocupam uma função estratégica na formação dos arranjos locais.

Passemos agora à análise preliminar dos modos de religamento matrimonial mais comuns. Na varredura total, o anel matrimonial mais frequente é aquele que reconecta pares de irmãos (BWZ, 9 circuitos, 18 casais, 36 pessoas). Modalidades análogas como a troca entre irmãos e primas-irmãs (MBDZH), entre outras variações análogas, figuram entre mais frequentes. Mas observe que nem todos os religamentos afinais mais frequentes são extensões diretas da troca simétrica entre irmãos ou primos-irmãos.

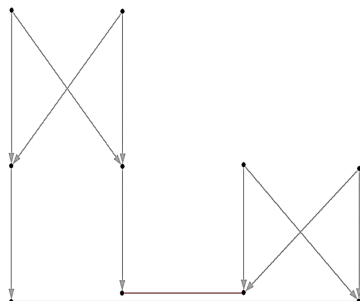
N.	Padrão	Posicional	# Circuitos	# Casais	# Pessoas
1	BWZ	H()H.F()F	9	18	36
2	MBWD	HF()H.(F)F	8	15	28
3	MFWSZ	HF(H).(F)HF	8	14	27
4	MMHSD	HF(F).(H)HF	8	14	27
5	MBDZH	HF()HF.H()F	9	14	27
6	ZHZ	H()F.H()F	6	12	24
7	MBSWZ	HF()HH.F()F	10	12	24
8	MFFWSDD	HFH(H).(F)HFF	6	12	22
9	BDHM	H()HF.H(F)	5	10	20
10	FBDHZ	HH()HF.H()F	5	10	20
21	MBD	HF()HF	8	8	15
136	FBD	HH()HF	4	4	8
137	FZD	HH()FF	4	4	8
213	MFBDD	HFH()HFF	3	3	6
214	MFZSD	HFH()FHF	3	3	6

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

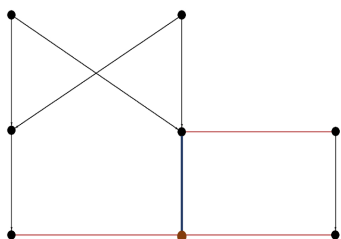
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



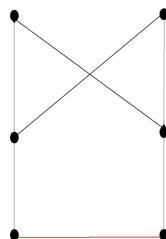
BWZ (H)(H.F)(F)
Dois irmãos se casam
com duas irmãs



MBDZH
(HF)(HF.H)(F)
Dois primos se casam
com duas irmãs



MBWD (HF)(H.(F)F)
Um homem se casa uma
primarana - filha da esposa do
tio (irmão da mãe)

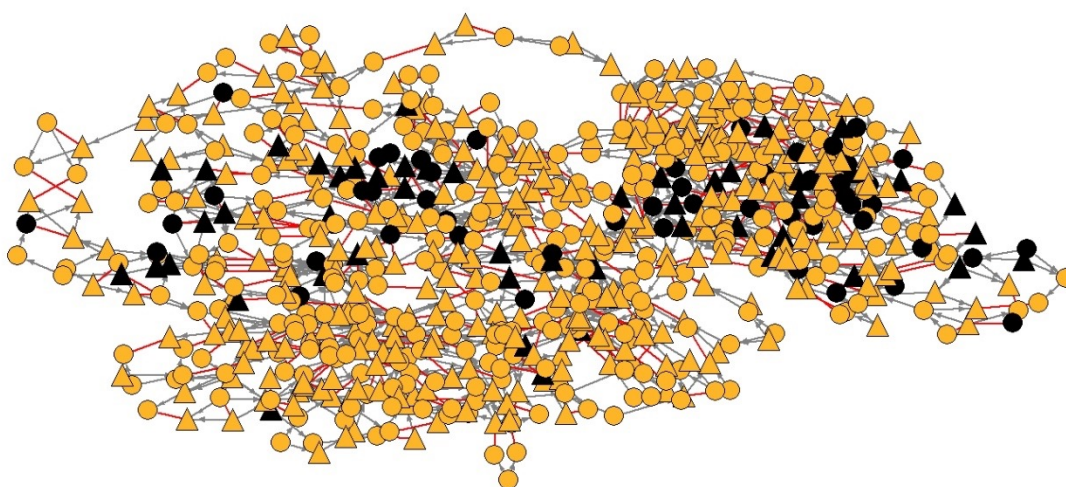


MBD
(HF)(HF)
Um homem se casa com uma prima -
filha do tio (irmão da mãe)

Consideremos, por exemplo, o caso do segundo anel com maior número de alianças (15) e pessoas (28) implicadas [MBWD] em que um homem se casa com a filha da esposa de um tio materno ou, em termos nativos, com uma “falsa” prima-irmã ou prima-rana – que é uma prima e que não é. Note que se esposa for também filha do tio materno (MBD), é provável que seja considerar esta aliança [MBWD] como uma modalidade diferente de MBD (cf. Hamberger, Houseman, White, 2011: 540; Silva, 2011). Neste caso, é importante distinguir os casos em que há coincidência com casamentos consanguíneos (a filha do irmão da irmão - MBD), daqueles em que [MBWD] é um anel mínimo. Na varredura total, de 15 alianças MBWD oito coincidem com MBD, ao passo em que nos demais sete casos, os circuitos de tipo MBWD operam como anéis mínimos.

Da relevância estatística deste tipo de aliança (MBWD) é possível inferir a relevância sociológica – inscrita na rede – de casos em que uma mulher tem filhos com mais de um parceiro e que cumprem um papel fundamental nos religamentos entre as casas. Esta hipótese precisa ser ainda aprofundada.

Circuitos matrimoniais, endogamia estrutural



6 Grafo Ore do núcleo da rede com distribuição livre dos componentes e pessoas categorizadas entre vivos (laranja) e mortos (preto)

A imagem acima é uma visualização do núcleo da rede matrimonial em um grafo Ore – primeira tradução do diagrama de Rivers à teoria dos grafos – distribuído a partir de uma operação embutida no programa Pajek que agrega todos aqueles que pertencem a um mesmo componente matrimonial. Entendo que construir uma imagem como esta não é construir um simples acessório, mas um documento etnográfico da maior relevância. Afinal, o diagrama apresenta um mapa ou um modelo reduzido que delinea a maneira específica como as religamentos matrimoniais interconectados se desdobram e se redobram pelo espaço intercomunitário, permitindo visualizar o que Douglas White chama de “agregados emergentes” que configuram os diversos nexos endógamos que integram o núcleo da rede matrimonial.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

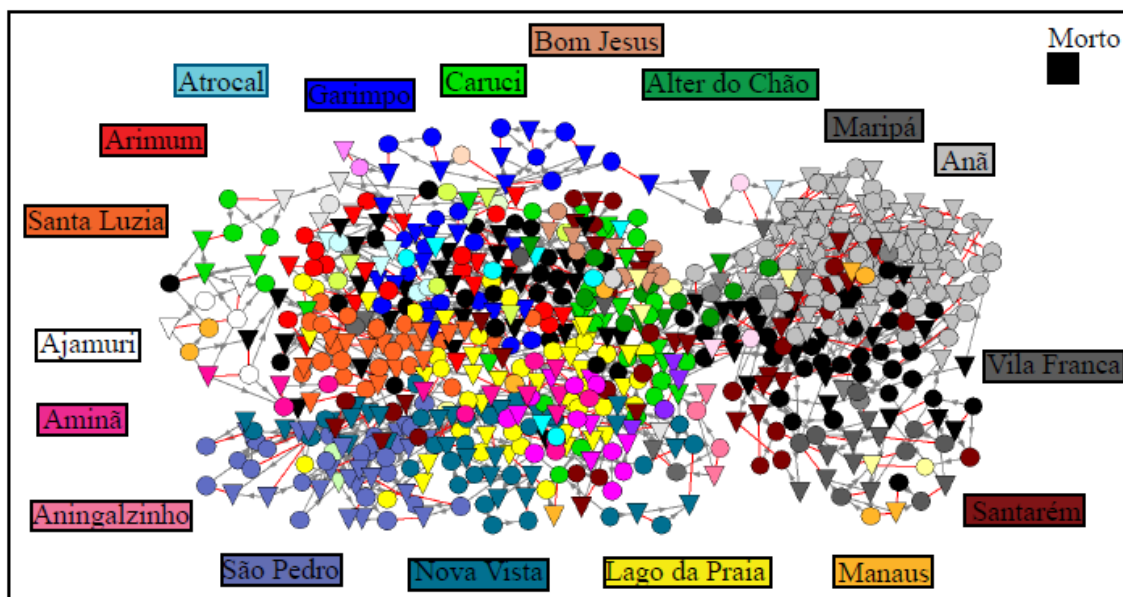
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

As convenções para a leitura do grafo Ore seguem os parâmetros da armação genealógica clássica (ou de Rivers). Os tipos de linha – as orientadas (cinza) e as não orientadas (vermelhas) – representam relações de filiação e casamento. Os pontos representam pessoas e suas formas geométricas – triângulos e círculos – os gêneros a elas associados – masculino e feminino. As cores, por sua vez, representam atributos exógenos associados às pessoas; neste caso, os mortos (em preto) e os vivos (em amarelo). Observe que os mortos – em maioria nascidos entre o primeiro e o segundo quartos do século XX – tendem a se distribuir em posições mais centrais na rede, ao passo em que os mais velhos vivos tendem a se distribuírem ao seu redor, enquanto os mais jovens tendem a distribuir no entorno destes.

A partir da imagem, é possível observar que o núcleo da rede é formado por duas grandes sub-redes ou constelações de religamentos matrimoniais interconectados: à direita, uma malha mais fechada ou menos espaçada; e à esquerda, uma outra mais aberta ou menos espaçada. Filiação e casamento não nos permitem dimensionar *em si* as lógicas e dinâmicas endógenas a distribuição de interrelações pessoais na rede. Para compreender a distribuição dos agregados que formam a rede faz-se necessário recorrer a variáveis exógenas ou aos diversos idiomas e dimensões do vivido. Finalmente estamos aqui em condições de interconectar genealogia e padrões de residência associados, permitindo o delineamento de redes diacrônico-arborescentes históricas e sincrônico-radiais que caracterizam os trajetos e circuitos inscritos no horizonte total no núcleo matrimonial.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



7Gráfico de rede do núcleo com distribuição livre de componentes e residência atual como atributo pessoal

Na imagem acima, as cores representam os locais de residência atuais (2008-2012) de todas as pessoas no núcleo da rede. Em termos quantitativos, o conjunto abrange um horizonte geográfico formado por 33 localidades. Na constelação mais fechada, é possível identificar, claramente, um componente ou nexa matrimonial formado pela comunidade de Anã (cinza claro), que se abre a um outro nexa endógamo cujos componentes residem em Vila Franca. Na maior ponte ou zona de conexão entre as duas sub-redes ou constelações matrimoniais encontram-se famílias e casas distribuídas entre a aldeia Caruci (verde claro) e Alter do Chão (verde escuro), que se identificam como Arapium. Eles estão próximos de um segmento formado por pessoas residentes em Bom Jesus (marrom), às margens do Lago Grande. Da aldeia de Caruci, podemos passar para a aldeia de Lago da Praia do povo Jaraqui (amarelo), cujos habitantes se distribuem pela zona central da rede e se conectam – na outra extremidade – com o nexa que pertence à comunidade de Santa Luzia. Na parte de cima da constelação, encontram-se segmentos residentes em Arimum (vermelho) e Garimpo (azul), entremeados por casas associadas a Ajamuri, no Lago Grande, e Atrocal, no alto Arapiuns. Já na parte de “baixo”, encontram-se pessoas residentes nas localidades do alto Arapiuns:

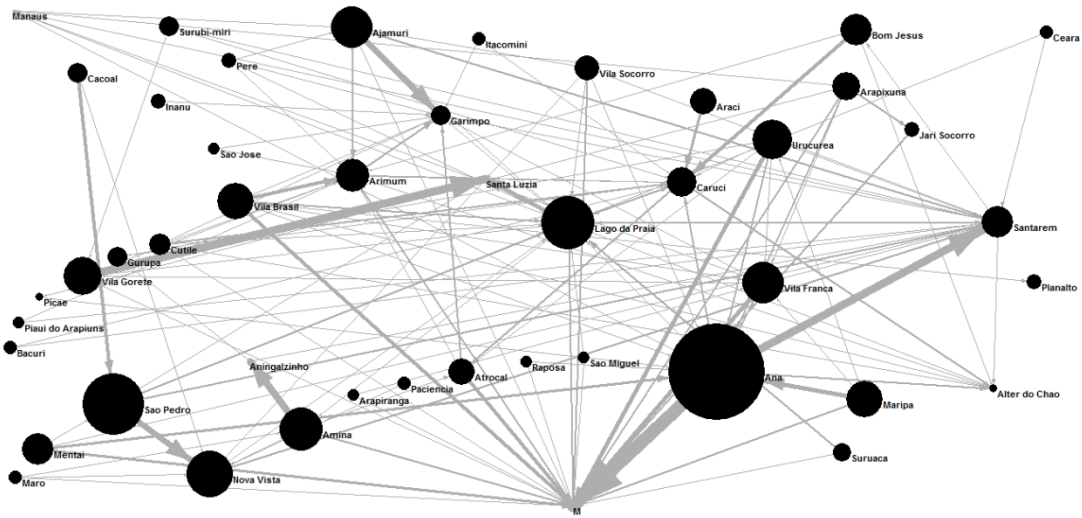
à esquerda, segmentos que moram em São Pedro e Nova Vista, à direita, aqueles que pertencem às aldeias de Aningalzinho e Aminã.

O diagrama evidencia que a distribuição dos componentes ou nexos endógamos se confunde com a distribuição das casas nas comunidades ao longo do espaço intercomunitário, formando redes de consanguíneos e afins interconectados diferencialmente de próximo a próximo. É importante notar que no horizonte da rede, a proximidade espacial entre dois grupos residenciais identificáveis ou emergentes na distribuição da rede não se confunde, necessariamente, com proximidade ou vizinhança geográfica. Este é o caso, por exemplo, das interconexões entre Caruci (Baixo Arapiuns), Bom Jesus (Lago Grande) e Alter do Chão (Tapajós); ou de Garimpo (Baixo Arapiuns) que se abre às vizinhas Arimum e Ajamuri, mas a Atrocal (Alto Arapiuns) e à cidade de Santarém.

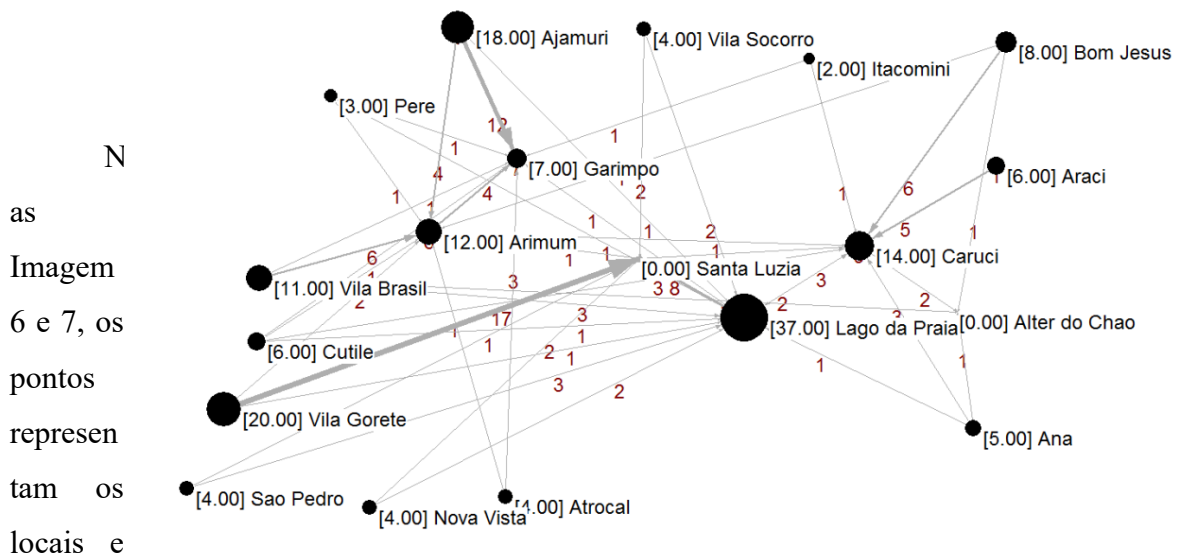
Mas esta imagem que associa a cada pessoa à comunidade atual de residência é limitada se o objetivo é o delineamento de redes histórico-arborescentes e sincrônico-radiais de sítios habitacionais. Para descrever estas trajetórias e circuitos na diacronia, uma primeira alternativa é construir um diagrama contendo os fluxos efetuados por cada pessoa entre o local informado de nascimento e o local de residência atual (sempre no contexto deste levantamento). É possível dizer que este diagrama oferece a imagem global que integra fluxos conduzidos por cada um dos agentes permitindo delinear uma representação global da composição dos segmentos residenciais e do conjunto multicomunitário de seus aliados político-matrimoniais próximos em um extenso horizonte de endogamia estrutural.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



9. Fluxos entre locais de nascimento e residência em uma partição do núcleo da rede matrimonial contendo apenas pessoas que habitam na TI Cobra Grande



as diferenças no tamanho a quantidade de pessoas que ali nasceram. A direção das linhas representa o sentido do trânsito entre locais de nascimento e moradia. O diagrama 6 permite evidenciar que *nem todo local de habitação atual é um local de nascimento*. O limite ou a ramificação externa dessa asserção é o lugar para o qual se dirigem os mortos, descrito com a letra M (inscrito no canto inferior da imagem). Entre os vivos, estes pontos que não são locais de nascimento caracterizam fluxo migratórios de ordens diversas. É o caso da capital Manaus que recebe casais formados no Arapiuns e adjacências.

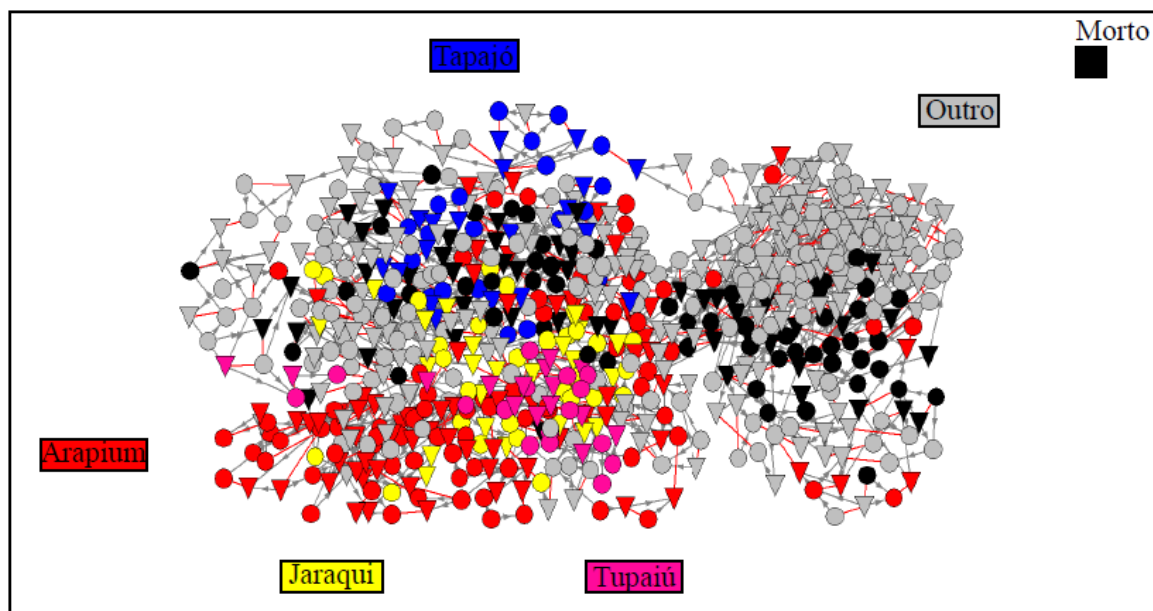
Além dos mortos e da capital – polos de atração externos – as linhas de fluxo permitem caracterizam processos internos de expansão e cisão que levam à formação de novas comunidades e aldeias. Este é o caso de duas localidades. A primeira, Aningalzinho, no Alto Arapiuns, fundada no início dos anos 2000, que recebeu um fluxo expressivo de pessoas nascidas em Aminã que passaram a pertencer a esta nova aldeia do povo Tupaiú. E a segunda, Santa Luzia, formada como comunidade no mesmo período, na cabeceira do Lago da Praia, por segmentos oriundos de Lago da Praia e Vila Gorete, no alto Arapiuns. Não se trata de um fluxo direto, mas um circuito habitacional que se estende entre o alto e baixo do rio do Arapiuns e a região do Lago Grande. Afinal, embora a seta represente um fluxo direto de “filhos da Vila Gorete” para Santa Luzia, trata-se de uma situação em que a maioria dos casais já moravam ou circulavam entre Lago da Praia e Vila Socorro, tendo participado da formação de Lago da Praia como comunidade a partir dos anos 1970, mas tendo ainda na Vila Gorete um “ninho de parentes” e um lugar privilegiado de circulação.

Estes parentes e parceiros distanciados e espalhados por toda a bacia e suas adjacências não parecem operar como unidades ou blocos de atuação política. São os aliados vizinhos e adjacentes de um segmento residencial de referência parecem operar como o “nó duro” de seu corpo supralocal de aliados políticos atuais. É possível que a questão da repartição dos peixes e lagos pela rede hidrográfica seja uma propriedade característica dos padrões de exogamia nesta rede de alianças matrimoniais. Neste sentido, a rede de alianças consanguíneas às margens do lago Anã é mais adensada e fechada pelo interesse manter (ou não perder) o controle desta parcela da distribuição de recursos. Já na margem oposta – TI Cobra Grande – há maior quantidade de lagos o que favorecendo maior abertura.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

	♂	♀	
Arapium	70	73	143
Jaraqui	24	29	53
Tapajo	19	21	40
Tupaíu	15	16	31
Indigenas	128	139	267
Outros	168	177	345
Mortos	49	53	102
	345	369	714



A importância fundamental da coresidência se expressa também quando observamos a rede a partir da distribuição das categorias de autoafirmação identitária como indígenas. Na imagem, os Arapium formam o conjunto mais abrangente e disperso. Estes segmentos encontram-se distribuídos em Caruci, Arimum, Nova Vista e São Pedro, Vila Franca – e a escolha do nome toma por referência territorial o próprio rio Arapiuns. Já aqueles pertencem aos Tapajó, Jaraqui e Tupaiú tem uma associação estreita com o pertencimento a uma comunidade mais estrita de coresidentes. Pertencem aos Tapajó aqueles que pertencem à comunidade do Garimpo e suas adjacências em Ajamuri e Arimum. Pertencem aos Jaraqui aqueles que pertencem ao Lago da Praia, assim como

pertencem aos Tupaiú aqueles que integram o conjunto multicomunitário construído às margens do Lago Aminã, formado pela Aminã, Aningalzinho e Zaire.

Considerações finais


O objetivo deste experimento preliminar foi esboçar um estudo exploratório sobre redes de parentesco e sua interconexão com outras lógicas, dinâmicas e idiomas que compõem os mundos totais vividos pelas pessoas e coletivos em um dado horizonte residencial. Como propõe Douglas White, delinear circuitos – de anéis mínimos a bicomponentes máximos – é mapear horizontes de endogamia estrutural que emergem do emaranhamento de alianças redobradas. A distribuição destes componentes ou nexos matrimoniais está diretamente relacionada com a distribuição dos grupos residenciais. A rede de aliados matrimoniais supralocais envolve tanto vizinhos como segmentos residenciais outros mais distantes. Estas redes de aliados multicomunitários configuram não propriamente comunidades mas circuitos endógamos diversos que abrangem, diferencialmente, zonas de recursos estratégico distribuídos pelo alto e baixo curso do rio Arapiuns, os rios vizinhos (Tapajós e Amazonas) e lugares distantes, como as cidades.

Os padrões emergentes na rede parecem reforçar a hipótese de que a repartição dos peixes e lagos pela rede hidrográfica é uma propriedade característica dos padrões de exogamia. A análise de rede reforça também a hipótese de que autonomia dos nexos endógamos coresidentes e sua rede supralocal de aliados está na base do processo de segmentação interno das comunidades, como também está base processo de emergência étnica e proliferação de nomes étnico-residenciais.

Por fim, é patente que o estudo computacional de redes de filiação e casamento viabiliza a construção de diagramas ou documentos etnográficos de fácil leitura e alto potencial descritivo e analítico.

Bibliografia

ALBERT, Bruce; LE TOURNEAU, François-Michel. (2007) "Ethnography and Resource Use among the Yanomami: toward a model of 'reticular space'". In: *Current Anthropology*, Vol. 48, No. 4 (Aug), pp. 584-592.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

HÉRITIER, François. 1981. *L'exercice de la parenté*. Gallimard Le Seuil ed. Paris.

HAMBERGER, K; DAILLANT, I. 2008. "L'analyse de réseaux de parenté: concepts et outils", *Annales de démographie historique*, n° 116, pp. 13-52.

HAMBERGER, K; HOUSEMAN, M; WHITE, D. R.. 2011. "Kinship network analysis". *The Sage Handbook of Social Network Analysis*, pp. 533– 549.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1965. "The Future of Kinship Studies". *Proceedings of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, No. 1965, pp. 13-22.

DE LIMA, L.M. 2015. "Segmentos residências e conjuntos multicomunitários". In: *No Arapiuns entre verdadeiros e -ranas*. São Paulo: USP (TD), pp. 241-312.

RIVERS, W.R.H. 1991 [1910]. "O método genealógico na pesquisa antropológica". In: Cardoso de Oliveira (org.). *A antropologia de Rivers*. Campinas: Unicamp.

SCHNEIDER, D. [1965] 2011. "Some muddles in the models: or, how the system really works". In: *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 1 (1): 451–492.

SEGALEN, Martine. 1984. "Nuclear is not independent: organization of the households in the Pays Bigouden Sud in the Nineteenth and Twentieth century". In: NETTING, Robert; WILK, Richard; ARNOULD, Eic J. *Households: Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*. Berkeley et al.: University of California Press. Pp: 163-186.

_____. 1992. "La Parenté: des sociétés "exotiques" aux sociétés modernes". Athabe, Gérard; Fabre, Daniel; Lenclud, Gérard. *Vers une ethnologie du present*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme. Pp: 175-194.

SILVA, M.; Dal Poz, J. 2008. "Informatizando o método genealógico: um guia de referência para a Máquina do Parentesco" *Teoria e Cultura*, v.3, n. 1/2., pp. 63-78, Juiz de Fora

SILVA, M. 2012. *Liga dos Enauwene-Nawe: um estudo da aliança de casamento na Amazônia meridional*. São Paulo: FFLCH-USP (Livre-docência).

WHITE, D.R. 1997. "Structural endogamy and the network". *Mathematics and social sciences*. 137

WHITE, D.R.; HOUSEMAN, M. 2002. "The navigability of strong ties: small worlds, tie strength, and Network Topology. In: *Complexity* (White, D., Ed.), v.8, n.1. Wiley Press. Pp. 72-81.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & FAUSTO, Carlos. 1993. "Structures, regimes, stratégies". In: *L'Homme*, tome 33 n°125. pp. 117-137.